

POLÍTICA NO BRASIL

AVISO ELEITORAL & "PESQUISAS" ELEITORAIS

[Importante AVISO ELEITORAL](#)

[PRÉVIAS ELEITORAIS E VOTO "ÚTIL" SÃO PREJUDICIAIS À DEMOCRACIA](#)

[ERROS ELEITORAIS - FLÁVIO TAVARES](#)

[AINDA HÁ TEMPO DE EVITAR O HORROR DAS ELEIÇÕES - FLÁVIO TAVARES](#)

[A SOMBRA DO SOL DA TARDE - Rubem Penz](#)

[A CRUZ E A ESPADA – EDUARDO WOLF](#)

[Comentários & Réplicas](#)

[Texto do Prof. Cristovam Diniz, pesquisador e ex-Reitor da UFPA](#)

[Primeiros dias do novo mundo - Fernando Gabeira](#)

De: Manfredo Winge
Enviada em: domingo, 7 de outubro de 2018 07:55
Para: Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque
Assunto: Importante AVISO ELEITORAL

Importante AVISO ELEITORAL:

NÃO existe perspectiva de DEMOCRACIA SUSTENTÁVEL com Estado Democrático de Direito sob os jugos nem do Regime Nazi/Fascista nem do Regime Comunista/Bolivarianista.

BOM DOMINGO E VOTE BEM DESCARTANDO OS SALVADORES DA PÁTRIA.

PRÉVIAS ELEITORAIS E VOTO "ÚTIL" SÃO PREJUDICIAIS À DEMOCRACIA

As pesquisas de intenções de voto são lesivas à votação democrática por que:

- desviam o foco de uma escolha eleitoral bem analisada com base em debates, informações e dados concretos sobre quem é, o que faz e já fez na vida o candidato e o que pretende fazer como político na futura legislatura. Isto porque simulam um vibrante jogo de ganhadores e perdedores que, repercutidos pela imprensa, leva eleitores indecisos, mal informados, ignorantes ou preguiçosos,... a esperar para ver quem parece que vai ser o vencedor desinteressando-se em saber o valor de cada candidato, discutir sobre os reais currículos e sobre os planos dos candidatos para votar com plena consciência e tentar escolher o melhor;

-distorcem os resultados potenciais da eleição que acaba, geralmente, “ratificando” os “prognósticos obtidos de forma científica” ao induzir o voto do eleitor. Dada a baixa alfabetização de grande parte do povo brasileiro, expressiva percentagem de eleitores não se dá conta de quão importante é a boa escolha do melhor, ou do menos pior, candidato em cada cargo com base em seu currículo e depois passam a vida reclamando dos maus e perenes políticos. Em parte, tudo isto se deve também às dificuldades de se obter dados confiáveis e bem organizados (*). Ocorre que grande parte da população escolhe desde cedo o “proto-vencedor” informado pelas perniciosas “pesquisas” eleitorais que se sucedem desde muito antes da hora H da eleição. Ou seja, o resultado da eleição acaba sendo contaminado por milhões de votos baseados em processo errado de escolha. É até possível que as divulgações sucessivas de enquetes, acompanhadas por intermináveis elucubrações nas mídias, vão cristalizando as tendências de “vencedores e vencidos” apesar da “minúscula” amostragem das “pesquisas”. Uma consequência secundária dessas eleições contaminadas é de que o resultado final não representa os valores corretos que se dariam caso a escolha eleitoral fosse mais criteriosa ao não tirar força política individual e partidária desses que foram preteridos por votos dados aos “vencedores” do “escrutínio” já antes do fim do jogo. Observar que, apesar destas distorções

que provocam, as previsões em alguns casos já se demonstraram erradas em algumas raras ocasiões;

- não consideram os efeitos deletérios de escolhas de voto “útil”, provocados por este sistema de “adivinhações eleitorais estatisticamente corretas” sucessivas. Ao se fazer um verdadeiro jogo de “avaliações estratégicas de 1º e 2º turno”, muitos eleitores - colocados frente a um “previsto” dualismo taxativo de somente duas candidaturas extremistas em 2º turno como ocorre hoje (que se detestam mutuamente) - acabam fazendo uma escolha **negativa** para dar um “voto útil” contra o seu mais detestado candidato/partido para que o mesmo seja expurgado logo no primeiro turno e deixam de votar nos candidatos que seriam selecionados por critérios positivos de votar no melhor candidato se não houvesse esta “jogatina”. Ou seja, tais eleitores estão é fraudando aquela que seria a **sua própria escolha democrática** do melhor (ou menos pior), ao acreditarem nessas “pesquisas eleitorais”;

(*) OBS. Como já sugerimos, tais informações e dados sobre os candidatos poderiam/deveriam (?) estar disponíveis para consulta se tivessem sido providenciados por cada candidato, chancelados pelos respectivos partidos e disponibilizados pelos órgãos coordenadores do processo, notadamente TSE em coordenação com TRE's, na forma de um [PORTAL DOS CANDIDATOS](#).

Para complementar estas observações e críticas, ver os *links* (ou transcrições) de artigos lúcidos, incisivos sobre estas questões sob um prisma de alerta para as atuais eleições de 2018, iniciando 2 do sempre atuante e incisivo cronista Flávio Tavares.

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

ARTIGOS SOBRE AS ELEIÇÕES

© ZERO HORA -15-16/09/2018 PG 34

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronistas/flavio-tavares/noticia/2018/09/pesquisa-de-intencao-de-voto-e-horario-eleitoral-gratuito-os-dois-erros-que-desvirtuam-a-democracia-cjm2ftz3r03dk01mncodx4uv.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

OS VIOLENTOS

ERROS ELEITORAIS

Pesquisa de intenção de voto e horário eleitoral gratuito:

os dois erros que desvirtuam a democracia

Só nos debates, quando todos se igualam no tempo, ambos podem apresentar ideias antagônicas, novas e articuladas

FLÁVIO TAVARES

15/09/2018 - 14h00minAtualizada em 15/09/2018 - 14h00min

A eleição atual perdeu o atrativo pelo que devíamos esperar dela. O grande instrumento da democracia banalizou-se nas mãos de candidatos interessados só no superficial. Não há partidos políticos com posições definidas, mas gente que se junta em busca de votos a esmo.

Mas a disputa atrai. Adivinhar o vencedor, em parte já nos faz "vencedores". O voto cria expectativas, como num sorteio ou numa alheia luta de boxe.

Dois outros erros, porém, desvirtuam ainda mais nossa democracia. O primeiro é a obscena distribuição do "horário eleitoral gratuito" no rádio e TV. Na forma atual, impede (ou dificulta) a renovação dos governantes. Os que estão no governo recebem amplos espaços, seguidos pelos que, antes deles, alguma vez também se lambuzaram no poder. É o caso do MDB, PDT, PT e PSDB na área estadual.

Assim, os mesmos se sucedem aos mesmos, uns aos outros entre si (e contra os demais), num rodízio de mesmice.

Rádio e TV nos acompanham no lar, no trabalho, no carro ou à rua, pelo celular, mas se depender do espaço eleitoral, as novas propostas não chegam ao eleitor. Ou alguém crê que (em ínfimos segundos que concluem já ao começar) Roberto Robaina, candidato a governador pelo PSOL, ou Mateus Bandeira, do Novo, podem expor ideias ou planos?

Só nos debates, quando todos se igualam no tempo, ambos podem apresentar ideias antagônicas, novas e articuladas. Fora disto, tudo é chocante: a democracia abandona o igualitário direito de expor e (na TV e rádio) vira oligarquia dos que se alternam no "direito ao poder".

O segundo erro vem dos meios de comunicação, ou de todos nós, jornalistas. Tentamos nos antecipar ao voto e, na ânsia da "primeira mão", indicar o resultado antes da própria eleição. As "pesquisas", em que alguns poucos (uns 2 ou 3 mil) apontam quem pode ganhar, não serão tão absurdas quanto a velha fraude?

Não se toca no passado dos candidatos, nos atributos ou experiências que podem fazê-los os preferidos. Não se mencionam os projetos, nem se distingue quem tenha base concreta e sólida, daqueles outros, mirabolantes demagogos com promessas vãs ou ódio fanático. Em vez de abordar as virtudes e os defeitos de cada um, fazendo das qualidades o verdadeiro guia, optamos pela aparente quantidade de votos a obter.

Em que isto ajuda a discernir pelo melhor?

Por que transformar a eleição em corrida de cavalos no hipódromo, em que se aposta no aparente "favorito", mesmo que com ele, no máximo, se receba uma esmola de consolação?

© ZERO HORA: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/flavio-tavares/noticia/2018/09/ainda-ha-tempo-de-evitar-o-horror-nas-eleicoes-cjmceod7b058f01pxi9ixaum6.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

SUCCESSÃO PRESIDENCIAL

Ainda há tempo de evitar o horror nas eleições

A boa-fé com que vários grupos da população veem a violência fanática de Bolsonaro se explica, mais do que tudo, pelo pedantismo arrogante com que Lula e o PT nos governaram

Flávio Tavares

21/09/2018 - 16h54minAtualizada em 21/09/2018 - 16h54min

O correto jornalismo deve ser independente e isento, mas não pode ser neutro frente ao crime nem se calar sobre o horror. A duas semanas da eleição presidencial, seria absurdo não alertar sobre o tom demencial do deputado Jair Bolsonaro, que continua a fazer da violência e do ódio fanático a sua principal proposta de candidato.

Nem a dor da brutal facada de que foi vítima humanizou sua postura, em que a ira domina tudo. Com ela, feito enlouquecido cata-vento girando para todos os lados, até do hospital sua linguagem é rude e grosseira.

Esta semana, a mais respeitada revista econômica do mundo, The Economist, de Londres, dedicou toda a capa a Bolsonaro e o classificou de "ameaça à estabilidade da América Latina".

— Os brasileiros não devem se enganar. Seu eventual governo seria desastroso para o Brasil e o continente —, alertou, lembrando que ele nada tem do "verdadeiro comportamento liberal". Descreveu a corrupção e as dificuldades atuais e advertiu: "Se ele triunfar, os brasileiros correm o risco de tudo se tornar ainda pior".

Foi adiante: comparou Jair Bolsonaro a Nicolás Maduro, da Venezuela, e a Daniel Ortega, da Nicarágua, que viraram ditadores após eleitos.

Os ingleses salvaram o mundo em 1939 resistindo sozinhos, durante meses, à sanha de Hitler, que dominava a Europa Ocidental e ameaçava o Brasil. Agora, outra vez vem da Inglaterra o alerta contra o crime que, aqui, pode se tornar, também, obra de cada um de nós.

A boa-fé com que vários grupos da população veem a violência fanática de Bolsonaro se explica, mais do que tudo, pelo pedantismo arrogante com que Lula e o PT nos governaram.

Diziam-se criadores do Céu e da Terra e eram "os puros". Mas entregaram a Petrobras aos grupelhos corruptos chefiados pelo PP de Paulo Maluf e pela "organização criminosa" criada no MDB, e integrada até pelo atual presidente da República, como aponta a própria Procuradoria-Geral da República. Lambuzaram-se também nas doçuras do poder e, hoje, Lula é um preso comum como outros da política.

Com a sedução típica dos violentos, Bolsonaro fingiu ser contra tudo isso e instalou-se no ninho alheio construído pelos procuradores e juízes da Lava-Jato e de outros processos, que revelaram o horror e nos fizeram perder o medo.

Mas "ainda há tempo para deter a marcha da insensatez", como disse Fernando Henrique Cardoso, de quem se pode discordar muito e muito, mas que jamais foi insensato. Pesquisa não substitui o voto. Sim, ainda há tempo.

© JORNAL METRO – PORTO ALEGRE/RS – 9/10/18 - <https://www.metrojornal.com.br/colunistas/2018/10/09/sombra-sol-da-tarde.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

A sombra do sol da tarde

[Rubem Penz](#)

Sou um admirador da ciência das pesquisas desde minha carreira como redator publicitário. A diferença entre compor campanhas a partir de um briefing 100% baseado nas informações do contratante, ou de fazê-las amparadas em informações + pesquisas era enorme. Ou seja, muito mais fácil acertar a abordagem, o conteúdo e as mídias conhecendo, também, a visão do cliente final. Dito isso, sempre fiquei matutando sobre a razão do meu desconforto diante das pesquisas políticas – incomodava-me o conflito interno, tipo “crer ou não crer, eis a eleição”.

Talvez tenha, hoje, uma resposta para o paradoxo: não costumamos ler as letras miúdas dos contratos. Diante das gritantes percentagens, dos coloridos gráficos em forma de pizza ou colunas, esquecemos da informação crucial – o tempo. Às 9h, por mais que se pretenda ver a sombra do sol da tarde, é a sombra da manhã que se desenha. Este desenho servirá para as peças se moverem em busca de alterar, exatamente, a sombra do sol da tarde. Ou seja: a quem interessa as pesquisas não é ao eleitor, mas aos partidos e candidatos.

É como se, sei lá, a imprensa noticiasse a pesquisa de preferência das cores das balas de goma para as crianças. Para quem tem valor tal informação? Aos fabricantes de balas de goma, é claro. De posse de tais números, alterariam seus produtos, fariam campanhas publicitárias, trocariam embalagens. A bala em si sofreria poucas transformações, até. O importante é chamar a atenção com eficácia. Mas, aí vem a pulga atrás da orelha: **uma vez nas manchetes, será que o resultado da pesquisa não viria a aumentar o interesse pelas cores bem cotadas? Se tantos preferem, não será melhor?** Não é essa a estratégia das divulgações de ranking, porém a posteriori – tipo, tal carro foi o mais vendido na categoria?

Por que as pesquisas de boca de urna costumam ser bem mais confiáveis? Porque estão ao sol da tarde perguntando sobre a sombra do sol da tarde, e ninguém mais consegue se mover a ponto de alterar seu contorno – nem candidatos, nem eleitores. **Pesquisas demais, antecipadas demais, servem a outro senhor, não ao público.** Tendem a perder credibilidade porque existem exatamente para que se possa alterar seu resultado. Ou, em teorias conspiratórias, para fabricar resultados – não esqueço que fui publicitário. Do “lado de cá”, acho mais prudente olhar para as propostas, para a história e para as coligações partidárias.

© Estado da Arte -07 Outubro 2018 | <https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/a-cruz-e-a-espada-o-voto-moralmente-superior-em-bolsonaro-ou-haddad/>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

A Cruz e a Espada: o voto “moralmente superior” em Bolsonaro ou Haddad

Por que a suposta superioridade moral do voto em Fernando Haddad (PT) ou em Jair Bolsonaro (PSL) é falsa e insustentável

Eduardo Wolf

Eduardo Wolf é doutor em Filosofia pela USP e editor do Estado da Arte.

I. “inesquecível, padres!”

Na noite de sexta-feira (05/10), a OSESP executou um programa todo voltado às “Américas”: Leonard Bernstein, Villa-Lobos, Ginastera e a “Sinfonia do Novo Mundo”, de Dvořák. E foi durante o “Prelúdio” das *Bachianas Brasileiras No 4*, segunda peça da noite, que eu não consegui segurar o choro provocado por muito mais do que a beleza da obra de nosso maior compositor. O “Prelúdio” avançava, com sua melancolia que sempre me evocou mais os românticos, antes Chopin que Bach, que lhe serve de base, e na minha cabeça ficava a pergunta: “como foi que chegamos aqui?”.

“Aqui”, é claro, refere-se ao estado de coisas a que chamamos, não sem eufemismos, de cena política. Do lado de fora da Sala São Paulo, lá onde o tempo não ficava suspenso pela melodia de Villa-Lobos, duas candidaturas presidenciais deprimentes seguiam conduzindo o País pela estrada da degradação política radicalizada que parece não ter fim. Do lado de dentro, eu tentava entender esse curioso processo psicológico em que uma obra de Villa-Lobos me levava à pergunta “como chegamos aqui?”, e o fazia não sem o estardalhaço de algumas lágrimas.

O tom pessoal — pelo qual me desculpo de antemão, não é de praxe — vem justificado porque, de fato, o que me colocou naquele estado foi uma lembrança muito pessoal, uma recordação dos meus 12 anos de idade, dessas memórias formativas que se manifestam o tempo todo no nosso modo de ser, mas que vez ou outra emergem mais vivas, explícitas, deflagradas por qualquer

madeleine que nos caiba provar. Pois bem, a minha madeleine foi o “Prelúdio” da *Bachiana No4*, e o fato para mim é que aquelas notas sempre estiveram associadas a Gianfrancesco Guarnieri, na série de televisão *Anos Rebeldes*, com voz embargada, relatando em um só fôlego o modo como a Missa de Sétimo Dia do estudante secundarista Edson Luis de Lima Souto, na Candelaria, foi vandalizada pelo exército, que atacou com golpes de sabre proferidos por sua cavalaria, homens, mulheres e crianças que tinham ido à Igreja rezar e prestar solidariedade a um estudante pobre que, porque fazia suas refeições no restaurante Calabouço, foi morto com um tiro no peito.

Homens, mulheres e crianças cercados pelos cavalos do exército, que sitiava uma *missa*; o gás lacrimogênio penetrando a própria Igreja; 600 pessoas no templo a ouvir os cascos dos cavalos da tropa, “misturados ao ranger dos freios das viaturas da polícia”. E Gianfrancesco Guarnieri emocionado, eu sabia que era de verdade, como era verdade o que vinha relatado, declamando lindamente o texto e a música subindo. A música era o “Prelúdio” da *Bachiana No. 4*. A cena toda, o que ela representava de lição humana para muito além do que eu podia compreender, tudo isso, e os meus 12 anos — havia apenas 7 anos que o País encerrara o capítulo “ditadura militar” de sua história — que não alcançavam muito bem aquilo tudo, e a melodia do “Prelúdio” de Villa-Lobos ajudava o momento a chegar a seu final: os padres formando um cordão de isolamento, protegendo com os próprios corpos os presentes, apartando-os da bestialidade do exército, permitindo que deixassem a Igreja e chegassem até a esquina da avenida Rio Branco. E Otto Maria Carpeux, o liberal ateu ao lado da juventude de esquerda, a exclamar: “Inesquecível, padres”.

II. Autoritarismo circense, impostura política: seu voto *não* é moralmente superior

O texto, eu vim a saber alguns anos depois, era do Zuenir Ventura, 1968: *o ano que não acabou*. A história ali relatada, a intensidade dramática desse episódio cujo ecumenismo é tão simbólico quanto necessário, nunca me abandonou. E diante do quadro eleitoral que se desenhou para o Brasil de 2018, não me parece ter sido gratuita e evocação daquele abril de 1968 em que a Cruz se ergueu para enfrentar a Espada.

Sejamos claros: o desenho final da eleição presidencial brasileira em 2018 traz a escolha entre, de um lado, um deputado federal do baixo clero que, para além de sua mediocridade absoluta, inteiriça, não fez mais em suas décadas de ácaro nos tapetes do Congresso do que atacar, e sempre, todas as instituições fundamentais da democracia, glorificar o passado da ditadura militar e louvar tudo o que fosse forma de violência política à direita no espectro político, e, de outro, um candidato-fantoches, representante de uma força política responsável por comandar os mais terríveis esquemas de corrupção e de ataque à democracia brasileira e, de quebra, fiadora de variadas formas de autoritarismo político. Foi diante dessa escolha que se desenhou um tipo de fenômeno muito específico, o único que me interessa aqui neste breve ensaio que quase sai como um desabafo das minhas perplexidades pessoais. Refiro-me, é claro, à baixíssima adesão, entre parcelas específicas e expressivas do eleitorado brasileiro, às convicções humanistas, democráticas, liberais e tolerantes que, em uma democracia madura, estão consolidadas e bem distribuídas em todo o espectro político.

O histórico do primeiro, Bolsonaro, é amplamente conhecido, e eu mesmo tive o desprazer de tratar de sua natureza fascistoide temperada por elementos circenses já há um par de anos. Em **maio de 2016**, escrevi para a revista **Veja** um artigo intitulado “Quem criou Bolsonaro?”. Nele, resgato esse perfil estatólatra, autoritário e inimigo da democracia:

No dia 17 de março de 1995, o presidente Fernando Henrique Cardoso enfrentou um protesto em frente ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro. Convocado por sindicalistas e militantes de oposição ao governo, o ato contava com a Central Única dos

Trabalhadores (CUT), a União Nacional dos Estudantes (UNE) e diversas outras entidades. No carro de som do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, no entanto, vociferava uma figura menos carimbada em protestos da CUT e de seus satélites: Jair Bolsonaro, deputado federal eleito com 135 000 votos pelo então PPB do Rio de Janeiro (atual PP). Discursando ao lado dos sindicalistas, aos quais chamou de “companheiros”, atacava Fernando Henrique, a reforma do Estado e os políticos do Congresso.

Que esse seja o mesmo Jair Bolsonaro, hoje no PSC-RJ, que na votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff no último dia 17 deu seu voto “pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff”, rendendo homenagem a notório torturador da ditadura militar, não deveria ser motivo de espanto para quem acompanha a política brasileira. Na verdade, o capitão da reserva do Exército brasileiro defendeu, em 1999, o fuzilamento do então presidente Fernando Henrique Cardoso; pediu, em 1992, o fechamento do Congresso, e até cuspiu em documento oficial em sessão plenária em 1994. Já foi eleitor de Lula no segundo turno das eleições presidenciais de 2002 e já defendeu o comunista Aldo Rebelo para o ministério da Defesa no primeiro governo do ex-presidente petista.

Atavicamente incapaz de alguma coerência política ou ideológica e instintivamente refratário a qualquer princípio democrático, a única constância na vida do deputado foi a longa lista de insultos homofóbicos, machistas e racistas que lhe garantem alguma fama e muitos votos. Servem, os insultos, para pontuar de histrionismo perigoso o folclore nacionalista e a defesa dos interesses corporativos do Exército que resumem sua existência política até recentemente irrelevante.

Há pouco de novo a acrescentar sobre o fenômeno Bolsonaro. Os cientistas políticos, muito mais aptos a fazerem esta reflexão do que eu, vão tratar de temas importantes, como os efeitos pífios do tempo de televisão e das alianças com o Centrão em face da força orgânica de Bolsonaro; o impressionante uso das redes sociais por seus eleitores; a confusão ideológica e programática de um candidato cuja vida se política se deve à defesa de privilégios corporativos convertido a um liberalismo de ocasião, etc. Meu interesse não está aí. Não é para analisar pelos olhos da ciência política a candidatura do ex-Capitão que escrevo estas linhas. Antes, interessa-me tentar compreender como foi possível que uma candidatura que fez questão de se construir, ao longo dos últimos anos (no mínimo, os últimos 4 anos) em torno de valores e ideias abertamente iliberais, autoritárias e antidemocráticas conseguiu se consolidar, em certos discursos, não como um movimento de massas, não como um voto de rejeição, mas como uma escolha consciente em nome de uma posição moralmente superior no âmbito da política.

Há duas observações cautelares, aqui. A primeira é bastante óbvia: no universo de votos de Jair Bolsonaro, que parece ser da magnitude de 40, 42% do total de votos válidos, as razões para que se vote nele são as mais variadas. Rejeição às alternativas, voto de protesto, escolha com vistas pragmáticas para a economia brasileira, o conservadorismo de costumes algo retrógrado do brasileiro médio, o antipetismo radical que se consolidou sobretudo na elite socioeconômica da país. Esses e tantos outros motivos podem ser apresentados de maneira verdadeira, honesta, pelo eleitor para justificar seu voto. Para cada uma dessas razões, é possível ter diferentes graus de informação esclarecida sobre as posições iliberais, autoritárias e antidemocráticas do candidato. A mim, interessa aqui apenas aquele voto que, por qualquer que seja a razão, e em qualquer que seja o estrato socioeconômico, se dá *conscientemente* dessas posições. A segunda é que, nesse universo de justificativas, todas elas podem vir acompanhadas ou não de uma convicção de que esse voto é *moralmente* superior à alternativa de voto concorrente. Interessa-me, nesse caso também, o cenário em que o eleitor acredita nessa superioridade *moral* de seu voto em Bolsonaro. Assim, é o voto *conscientemente* do histórico e do discurso iliberal, autoritário e

antidemocrático e *moralmente orgulhoso* disso, convicto de uma *superioridade moral* nessa escolha, que me interessa.

De pronto, creio que podemos eliminar uma parcela enorme de votos. Muitos eleitores de Bolsonaro em 2018 foram eleitores de Lula ou de Dilma em 2006, 2010 e 2014, ou de Alckmin, Serra e Aécio. O contingente de eleitores, acima dos 40%, não é de eleitores oriundos do nada, do mesmo modo como não são eleitores cujo voto é rígido e altamente ideológico. Além disso, há uma parcela não inexpressiva de pessoas que votará em Bolsonaro por qualquer uma das razões expostas acima (antipetismo, aposta econômica, rejeição ao sistema político), mas que, possivelmente reconhecendo o histórico negativo do candidato em matéria de princípios e valores democráticos, *não* vê sua escolha como sendo moralmente superior a nenhuma outra.

Resta aquele eleitor que, mesmo que não seja numericamente o mais importante para as eleições, é aquele que *me* inquieta, que despertou em mim o interesse pelo assunto. É o eleitor que me veio à mente uma bela sexta à noite ouvindo Villa-Lobos na Sala São Paulo e lembrando de Gianfrancesco Guarnieri recitando o relato daquela terrível truculência militar na missa da Candelária.

Esses eleitores, ao atestarem sua *consciência* do iliberalismo antidemocrático de Bolsonaro e, a isso, adicionarem a crença em uma superioridade *moral* em sua escolha por essa alternativa, estão afirmando que o elogio a ditaduras, o louvor a torturadores, o desrespeito sistemático, planejado e continuado às instituições que constituem uma democracia (Congresso, partidos, liberdade de imprensa, respeito ao adversário político, que jamais deve ser tratado como um inimigo, e pesos e contra-pesos que impeçam uma tirania da maioria sobre a minoria) são, *política e moralmente* falando, ou bem secundários, ou bem irrelevantes. Alguns desses eleitores o fazem com certa discrição, tergiversando, esquivando-se do ponto central, mas não conseguem se evadir de todo do dilema moral: *não* consideram moralmente problemática a defesa explícita de um discurso iliberal, autoritário e antidemocrático. Outros, ainda mais ousados, fazem pior: é *porque* o discurso é iliberal, autoritário e antidemocrático; é *porque* o candidato pratica revisionismo histórico e transforma torturadores em heróis, ditadores em ícones, violência em atitude política, perseguição a inimigos em prática corrente e ataque à imprensa em demonstração de coragem que votam nele e consideram esse todo *moralmente* superior. Assim, pior do que serem secundários ou irrelevantes, os valores do liberalismo, da democracia e do pluralismo são *francamente negados*, reputados como *negativos*.

As demonstrações de orgulho desse eleitorado com as posições iliberais e antidemocráticas de Bolsonaro oscilam entre o revanchismo com a esquerda, de um lado, e as convicções autoritárias genuínas a despeito da esquerda, de outro. Mas elas são claras: a imprensa passou a ser tratada com fúria maior do que fazia o PT em face de notícias negativas, a perseguição, inclusive física, a jornalistas atingiu novos patamares, e as manifestações de tipo racista, homofóbico e de louvor a práticas ditatoriais ganharam, nesta grande paisagem da insensatez que é a internet em tempos de eleições, cores muito vivas e convictas. E o mais triste é que, talvez, esse nem seja o fato mais surpreendente, afinal, ao menos parte desse voto moralmente convicto vem de segmentos supostamente esclarecidos, muitos dos quais, aliás, responsáveis de primeira hora pelo embate contra o PT no governo supostamente por seu autoritarismo, desrespeito à democracia e práticas iliberais no governo.

“Como chegamos aqui?”, era a pergunta que eu me fazia naquela sexta à noite na Sala São Paulo ouvindo Villa-Lobos e recordando a expressão pungente de Gianfrancesco Guarnieri relatando a Missa de Sétimo Dia de Edson Luis, no longínquo abril de 1968. Passaram-se 50 anos daquele episódio. Passaram-se 30 de nossa Constituição. Mas não conseguimos criar uma cultura de convicção liberal, democrática, pluralista e tolerante capaz de resistir aos extremos iliberais que

sempre existem, sempre vão existir. E choca, abala, perturba o espírito, mesmo, constatar que as convicções de lideranças que se apresentam como liberais no novo cenário brasileiro são capazes de praticar esta grande abjeção que é revisar a História, edulcorar o passado do autoritarismo e da tortura, endossar o presente de irresponsabilidade antidemocrática e violento, e ainda crer-se moralmente superior às alternativas. Percebemos, assim, que não havia uma onda liberal, mas apenas uma onda de rejeição ao governo de turno; não havia rechaço efetivo à perseguição à imprensa e aos jornalistas, mas apenas uma rejeição *daquele* partido ou governo atacando a imprensa; não havia resistência à autoritária aposta em uma nova constituição sem povo, mas apenas uma recusa a que o *PT conduzisse* esse processo; não havia uma rejeição ao desrespeito aos direitos humanos, mas apenas uma instrumentalização contrária *àquele* partido ou governo apoiando e financiando regimes que desrespeitam os direitos humanos.

Qual a lógica da superioridade moral *nessas* posições iliberais? Que superioridade moral pode haver no autoritarismo circense e na impostura política que representa Jair Bolsonaro?

III. Crime organizado e violência política: seu voto *também* não é moralmente superior

A perplexidade — e eu disse que mais discorreria sobre a minha perplexidade do que qualquer outra coisa — que tomou conta de mim ao recordar aquele grande momento da dramaturgia com Gianfrancesco Guarnieri, o “Prelúdio” de Villa-Lobos de tema, aquela melancolia forte e continuada a conduzir o pensamento, podia se resumir nisto: “Como chegamos até aqui? Chegamos porque não conseguimos aprender muita coisa”. Não conseguimos, e talvez seja uma ilusão acreditar que possamos conseguir, consolidar verdadeiramente os valores do pluralismo e da tolerância, e mais de três décadas depois do fim da ditadura militar, não apenas ainda é possível elogiar com convicção o arbítrio, a perseguição, a tortura e o assassinato político, como tornou-se fator de identificação política e orgulho moral de certos eleitores.

Quer isto dizer que estamos à beira do retorno aos anos de chumbo, ao horror ditatorial, à perseguição e à eliminação de opositores, caso Bolsonaro vença? Não acredito em hipótese alguma nesse cenário. Qualquer que seja a ameaça populista autoritária de direita que Bolsonaro venha a representar, ela *não* será isso. Novamente, tenho certeza de que os cientistas políticos estarão muito melhor preparados do que eu para avaliar cenários futuros, mas não vejo ninguém sério apostando em uma reedição do passado.

Lamentavelmente, a militância de esquerda que tem se mobilizado especificamente na campanha que rivaliza com Bolsonaro tem se especializado em fazer crer que uma vitória do candidato do PSL representaria o início de prisões, torturas e mortes. Nesse cenário, não votar no PT e em Haddad seria o equivalente a apoiar o retorno à ditadura e à tortura, a volta do obscurantismo autoritário militar. Há tanta coisa errada nessa posição que fica difícil organizar uma reação a ela. De imediato, contudo, preciso confessar que, ouvindo Villa-Lobos e lembrando-me de Guarnieri a relatar aquele incrível episódio de nossa história, abalou-me profundamente perceber como a esquerda brasileira havia se degradado tanto. Como é possível que não sejam capazes sequer de respeitar a memória daqueles que efetivamente combateram um regime autoritário, que enfrentaram tanques nas ruas, quartéis no comando, prisões solitárias e torturas indescritíveis para, agora, mobilizar esse passado como argumento de defesa de uma quadrilha de corruptos saqueadores do Estado brasileiro?

A doentia e mentirosa retórica do “golpe”, que já se antecipara nos ataques à Operação Lava Jato em 2015, preparou a militância petista para a consolidação dessa narrativa. Assim, os intelectuais petistas acabaram por criar as condições de propagação de uma versão dos fatos recentes da política brasileira segundo a qual os homens responsáveis por saquear o Estado brasileiro, desviando bilhões e bilhões de recursos públicos para os cofres do partido e, frise-se, para suas *contas pessoais*, como Lula e José Dirceu, acabaram por se tornar “guerreiros do povo

brasileiro”, “heróis” de uma resistência imaginada e lutadores por uma libertação que só poderia ser a de seus ativos pilhados aos brasileiros. Lula, em particular, seria “prisioneiro político”. Ainda segundo essa versão da narrativa construída pelos formuladores do PT, a eleição é, antes de qualquer coisa, ilegítima; ocorrendo a eleição, só poderia haver um resultado, que é a vitória de Haddad, escolhido, preparado e orientado por Lula desde a prisão em Curitiba para executar suas políticas.

Assim, os formuladores de narrativas do PT criam uma versão para nosso atual estado de coisas em que não apenas o partido é exclusivamente uma vítima de circunstâncias ou de ataques planejados, como qualquer coisa que não represente adesão ao partido é equivalente ao “fascismo”, quer em sua roupagem militarizada, quer em sua versão “civil” — qualquer candidato opositor ao petismo e simpático ao ou apoiador do processo de impeachment de 2014. Para além de se posicionarem como “mentores intelectuais” dos crimes petistas (articulam sua visão de mundo, consolidam essa metafísica para leitores, para alunos, para o público em geral, e, por fim, justificam qualquer coisa que escape ao senso de justiça das pessoas), a visão desses quadros do petismo na imprensa e nas universidades avilta a memória de jovens idealistas e históricos combatentes de esquerda ao nivelá-los aos dirigentes petistas que, aliados à crônica corrupção e ao histórico fisiologismo da direita brasileira (que atende pelo nome mais geral de “Centrão”, as mais das vezes), nada mais fizeram que nadar de braçada no dinheiro público, construir suas fortunas pessoais e usar os pobres brasileiros como escudo humano, protegendo-se com eles do cerco da justiça e da rejeição do eleitorado.

Como seria possível reconhecer em uma candidatura construída nessas circunstâncias qualquer vestígio de superioridade *moral* em relação ao candidato adversário?

Novamente, é necessário esclarecer que no imenso contingente de votos previstos ao candidato petista (cerca de 25%) há uma grande variedade de motivações e de justificativas para o voto em Fernando Haddad. Há uma considerável parcela de eleitores, sobretudo os mais pobres, que decidem com base na lembrança dos bons tempos da economia brasileira e, por consequência, de suas melhores condições de vida. Não se deve considerar esse eleitor em bloco.

Igualmente, também no caso do eleitor petista, não estou interessado nesse contingente de votos. Tampouco quero fazer alguma análise política da trajetória do PT e de suas atitudes recentes na política brasileira. Interessa-me, como já está claro, o eleitor que, *consciente* das práticas criminosas e organizadas do PT descritas acima, não apenas escolhe o PT como acredita na superioridade *moral* de sua escolha.

O grande argumento que vem sendo mobilizado por intelectuais petistas e disseminado por seus eleitores é que se trata de um enfrentamento com o “fascismo”, com a defesa de ditaduras, com “apologia à tortura”. Bolsonaro representaria esse polo autoritário, ao passo que o PT, mesmo que se considerasse o conjunto de práticas criminosas do PT (coisa que esses intelectuais *não* aceitam), deveria restar como inequívoca alternativa democrática, anti-autoritária. Ocorre que isso simplesmente não procede.

Não é apenas que se deva considerar os crimes petistas na administração da máquina pública brasileira, ideados com a convicção de aparelhar o Estado, controlar-lhe as contas e drenar os recursos financeiros para se manter no poder, como um ataque inaceitável à democracia. É *fato* que o modo petista de dominar o Estado e de saquear as finanças constituiu, sim, um modelo de crime organizado voltado para o ataque à democracia. Mas não é esse a questão, ainda que essa seja uma bela questão.

O que há de mais escandaloso diante do discurso chapa petista em defesa da democracia e contra o “fascismo” de Bolsonaro é que não há uma única acusação relevante do ponto de vista

moral em matéria de liberdades políticas e defesa dos direitos humanos que não possa, em alguma medida, ser feita contra o próprio PT.

Não há partido que mais tenha se organizado para constranger, perseguir e atacar a imprensa e os jornalistas que o PT. [Daniela Lima, na Folha de S.Paulo](#), relembra um episódio recente: “Em 2013, fui cobrir pela **Folha** o ato de dez anos do PT no governo. Houve tumulto na entrada. Fui checar. Militantes viram meu crachá. Tomei um chute pelas costas e fui chamada de coisas como “cadela do PIG” — termo usado por detratores quando a imprensa era chamada de golpista, e não de esquerdista como agora.” A prática de agredir jornalistas, atacar as sedes dos veículos de comunicação e desprezar a liberdade de imprensa é uma constante do PT, traduzida formalmente na sua obsessão por controlar a mídia com desculpas “sociais”.

Não é nada melhor o histórico do PT em termos de convivência pacífica com os adversários e práticas violentas. Durante toda a história do partido, o que quer que não fosse o PT não tinha direito à luz do dia. Não será ocioso lembrar que o PT se recusou a participar da eleição no Colégio Eleitoral que tirou o País da ditadura e nos conduziu à democracia (expulsando seus dois quadros que decidiram votar em Tancredo Neves); que o PT se recusou — vamos frisar: *se recusou* — a assinar a Constituição Nacional de 1988; que o PT se recusou a participar de um governo de coalizão nacional após o impeachment de Fernando Collor; que o PT se recusou a apoiar o Plano Real e todas as conquistas econômicas do país dele advindas. Nada de bom que já tenha sido produzido no País pode existir se não for conduzido pelo próprio PT.

Essa incapacidade de conviver com as alternativas em uma democracia não tardou a se traduzir em práticas violentas muito concretas, indo muito além dos usuais ataques a jornalistas. O covarde episódio de agressão a Mário Covas em 2000 (o candidato ainda enfrentava um câncer) dias após o líder petista declarar que o PSDB tinha que apanhar “nas urnas e nas ruas” foi apenas um aperitivo.

Em março de 2015, poucas semanas após Lula discursar ao lado de João Pedro Stédile, do MST, conclamando o líder dos Sem Terra a convocar seus “exércitos” à rua, o chefe petista conseguiu o que queria: o MST foi às ruas com seu exército no dia 11 de março, em grandes e hipócritas manifestações de “defesa da Petrobrás” contra a Lava Jato. Com os exércitos na rua, sem respeito à lei, o MST paralisou estradas e, em uma delas, sem o devido acompanhamento das forças legais quando uma manifestação é autorizada, uma família de três pessoas morreu carbonizada em um acidente em um dos pontos da manifestação dos Sem Terra [no Sergipe](#).

A lista de práticas violentas da militância petista é longa, mas vale citar mais um episódio: em 5 de abril de 2018, um homem que gritou — gritou! — impropérios contra o PT e Lula em frente ao Instituto que leva o nome do ex-presidente foi agredido a socos e pontapés por dois militantes do PT, um dos quais ex-vereador pelo PT em Diadema, o Maninho do PT. [O homem sofreu traumatismo craniano](#).

Será que o leitor conseguirá encontrar os artigos dos intelectuais petistas condenando veementemente essas práticas de organização criminosa, essa coordenada violência política instrumentalizada para fins partidários, essa soberba que bloqueia qualquer diálogo e justifica qualquer prática? Não vai. Vai encontrar alguns acenos, com expressões como “os erros do PT”. Objetivamente: é muito mais do que erro.

Do mesmo modo como o PT e seus intelectuais jamais fizeram autocritica alguma, tampouco foram capazes de mostrar que faziam alguma distinção entre os diversos adversários — que sempre trataram como inimigos. O eleitor *moral* de Haddad hoje pede votos em sua candidatura para combater o “fascismo” de Bolsonaro, mas tratou como “fascista” Alckmin, Serra e Aécio. O que não for o PT é fascista. Que superioridade *moral* pode vir disso?

Restaria ao voto no PT que se apresenta como *moralmente* superior o discurso histórico no âmbito de direitos humanos, isto é, o bolsonarismo, com seu discurso de louvor à ditadura e à tortura por ela praticada, encontraria no PT um objetor moral. Seria ótimo se fosse assim, mas não é.

O PT não foi apenas aliado político de todas as ditaduras de esquerda (ou vagamente populistas e nacionalistas) ao longo de seu período no poder, protagonizando momentos dolorosamente constrangedores para os que defendem os direitos humanos, como foi seu financiador efetivo, articulando Caixa 2, verbas públicas (BNDES) e propinas para alimentar campanhas e governos em Cuba, Venezuela, Nicarágua e ditaduras africanas. Que moral tem o eleitor petista para falar em ditadura e tortura quando, entra ano e sai ano, o seu partido continua defendendo com unhas e dentes a carcomida ditadura bolivariana da Venezuela, uma das maiores tragédias humanitárias em escala global, hoje? Que moral superior pode ter um eleitor que cegamente deposita sua confiança em um partido que, no governo, conseguiu a façanha de apoiar o regime linha dura antissemita, homofóbico e racista de Ahmadinejad no Irã, com suas práticas de execuções de homossexuais enforcados em guindastes e exibidos em locais públicas?

Foram inúmeras as vezes que o PT pode mostrar que, a despeito de delicadas questões de política internacional, opunha-se a tais práticas. Sua escolha, como sempre foi a escolha da militância de esquerda linha dura, foi a de endossar os desrespeitos aos direitos humanos e culpar a vítima. Lula, em 2009, enquanto o governo iraniano reprimia e matava nas ruas, disse que aquilo era “briga de corintiano e palmeirense”. Em visita a Cuba em 2010, criticou os presos políticos por fazerem greve de fome. Até recentemente, se prestava a ser garoto propaganda dos gângsters do bolivarianismo venezuelano, regime que Haddad fez questão de defender, colocando a culpa pela escalada da crise na oposição.

O eleitor *moral* do PT, por acaso, julga que o sangue derramado em masmorras bolivarianas é menos sangue do que o daqueles que foram mortos e torturados pela ditadura brasileira? Como se vê, a repulsa do eleitor *moral* do PT à ditadura é seletiva: certas ditaduras são boas; sua recusa à tortura é cuidadosamente escolhida: os nossos, os da esquerda, são torturadores do bem. Que tipo de superioridade *moral* pode ser essa?

Como poderia o voto nessas posições iliberais, autoritárias e antidemocráticas ser superior *moralmente*?

IV. Uma triste conclusão

Agora que este texto vai ao ar, é possível que os resultados surpreendam mostrando a vitória já em primeiro turno de Jair Bolsonaro ou, quem sabe, uma sua larga vantagem para o segundo turno. Repito aqui que disse acima: não acredito em nenhum tipo de descabro ditatorial, um inferno persecutório — como é a Venezuela, na expressão de Mário Vargas Llosa — em caso de vitória do ex-Capitão. Nem quero avaliar cenários políticos futuros.

Apenas constato, com uma tristeza que é pessoal, que duas, talvez três gerações acima da minha não conseguiram fazer com que as alternativas no cardápio da jovem democracia brasileira se mantivessem em estrito compromisso com os valores da liberdade, do pluralismo e da tolerância que devem caracterizar uma sociedade moderna e aberta.

E, pior, à esquerda e à direita, percebo que a minha geração não parece conseguir resultado melhor, contentando-se, quando muito, com alguma virada de jogo no terreno das ideias econômicas.

Que algum jovem no futuro, ao ouvir o “Prelúdio” das *Bachianas Brasileiras No4*, tenha melhores recordações que as minhas — um País com melhores alternativas políticas.

Comentários & Réplicas

De: Manfredo Winge
Enviada em: terça-feira, 9 de outubro de 2018 19:23
Para: Marcia Abrahão Moura
Assunto: AINDA SOBRE "PESQUISAS" ELEITORAIS (+voto facultativo e nulo contabilizado) + Rubem Penz: A sombra do sol da tarde

Prezados,

nestes estranhos tempos político-eleitorais com opções de votos muito difíceis, convém trazer à baila questões relevantes sobre a essência do processo democrático que é a escolha - sem influências nocivas - de um candidato melhor (ou menos pior) por cada eleitor como já abordado ([IMPORTANTE AVISO ELEITORAL](#)).

Neste sentido, garimpei para amigos e correspondentes mais um interessante artigo (*Rubem Penz: [A sombra do sol da tarde](#)*) com pontos essenciais a serem considerados em qualquer reformulação que venha a ser feita nas normas e leis do processo eleitoral referente às ditas “pesquisas” (grifos são meus). Isto nos lembra que processo eleitoral não deve ter *marketing* (dilapidadora “propaganda” política) que se justifica no comércio para vender mais sabão, automóveis, etc. e não para nos dar luzes sobre os melhores para nos representar politicamente.

Gostaria, também, de acrescentar mais um ponto que dá coceira numa hora decisiva, principalmente como esta de um 2º turno com dois “candidatos finalistas” bastante complicados; tenho defendido o voto facultativo por levar às urnas somente as pessoas politicamente conscientes e que sabem realmente em quem votar pois isto deve trazer uma provável maior confiabilidade nos resultados finais.

Acho também que voto nulo é sinônimo de repúdio aos candidatos e deveria ser quantificado/qualificado pelo seu real significado para que, pelo menos, os percentuais corretos de votos para vencedores, vencidos e nulos fossem divulgados como tal nos % proporcionais aos eleitores que votaram nos dois turnos.

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zig/hp.htm>[confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

From: giovanni toniatti
Sent: Tuesday, October 09, 2018 7:49 PM
To: Manfredo Winge
Subject: Re: Fw: AINDA SOBRE "PESQUISAS" ELEITORAIS (+voto facultativo e nulo contabilizado) + Rubem Penz: A sombra do sol da tarde

Estou de acordo com estas ponderações!

Abraço

From: Ellen Bisconti
Sent: Wednesday, October 10, 2018 7:41 AM
To: Manfredo Winge
Subject: Re: Fw: AINDA SOBRE "PESQUISAS" ELEITORAIS (+voto facultativo e nulo contabilizado) + Rubem Penz: A sombra do sol da tarde

[Rubem Penz](#) falou em coligações. Ele não entendeu o recado do povo brasileiro. A Política mudou de figura.

Arrecadar deputados ou senadores para acertarem nosso destino é um procedimento ultrapassado. Nessas eleições, o brasileiro "botou fogo no circo". Não tem vocação pra palhaço. Houve a renovação que eu tanto apregoava. Minha fé de que tudo mudaria para melhor, num outubro de 2018, se tornou realidade. Adeus ao presidencialismo de coalizão.

Chutamos o balde de lama. Um candidato do baixo clero, que mereceu a confiança da população, mesmo esfaqueado e sem poder participar, foi eleito de forma acachapante: ele, seus deputados, senadores e os que declaravam seu apoio a ele. Bolsonaro há tempo disse para o que veio.

Somos considerados cidadãos quando temos o título de eleitor. Votar ou sermos votados. Isso pressupõe votar e não abdicar, votando nulo ou em branco. Esse "cidadão" não tem o direito

de criticar, emitir opinião. Não escolher, mesmo que seja entre apenas dois, demonstra a falta de cidadania e responsabilidade para com o próprio país.

Lembra o comportamento da criança. Quando ninguém quer brincar suas brincadeiras preferidas, se retira dizendo: Ah é? Então não brinco mais!. Consideram o capitão Bolsonaro um fenômeno. Ele é um cidadão, que com suas ideias, conseguiu despertar o povo brasileiro (com poucas exceções). As mudanças que virão? É só uma questão de tempo.

De: Manfred Winge

Enviada em: sexta-feira, 12 de outubro de 2018 20:47

Para: Ellen Bisconti

Cc: 'aci@senador.leg.br'; 'aacio.neves@senador.leg.br'; 'sen.airtondoval@senador.leg.br'; 'alvarodias@senador.leg.br'; 'ana.amelia@senador.leg.br'; 'angela.portela@senador.leg.br'; 'antonio.anastasia@senador.leg.br'; 'antonio.carlos.valadares@senador.leg.br'; 'armando.monteiro@senador.leg.br'; 'ataides.oliveira@senador.leg.br'; 'benedito.lira@senador.leg.br'; 'cassio.cunha.lima@senador.leg.br'; 'cidinho.santos@senador.leg.br'; 'ciro.nogueira@senador.leg.br'; 'cristovam.buarque@senador.leg.br'; 'dalrio.beber@senador.leg.br'; 'dario.berger@senador.leg.br'; 'davi.alcolumbre@senador.leg.br'; 'edison.lobao@senador.leg.br'; 'eduardo.amorim@senador.leg.br'; 'eduardo.braga@senador.leg.br'; 'eduardo.lopes@senador.leg.br'; 'elmano.ferreira@senador.leg.br'; 'eunicio.oliveira@senador.leg.br'; 'fatima.bezerra@senador.leg.br'; 'fernando.bezerracelho@senador.leg.br'; 'fernando.collier@senador.leg.br'; 'flexa.ribeiro@senador.leg.br'; 'ganibaldi.alves@senador.leg.br'; 'gladson.cameli@senador.leg.br'; 'gleisi@senador.leg.br'; 'heliogose@senador.leg.br'; 'humberto.costa@senador.leg.br'; 'ivo.cassol@senador.leg.br'; 'jader.barbalho@senador.leg.br'; 'jao.alberto.souza@senador.leg.br'; 'jao.capibede@senador.leg.br'; 'jorge.viana@senador.leg.br'; 'jose.agripino@senador.leg.br'; 'jose.marahao@senador.leg.br'; 'josedede@senador.leg.br'; 'jose.pimentel@senador.leg.br'; 'jose.serra@senador.leg.br'; 'kalia.abreu@senador.leg.br'; 'laser.martins@senador.leg.br'; 'lidice.mata@senador.leg.br'; 'lindbergh.farias@senador.leg.br'; 'lucia.vania@senador.leg.br'; 'magno.matta@senador.leg.br'; 'maria.carmo.alves@senador.leg.br'; 'marta.suplicy@senador.leg.br'; 'omar.aziz@senador.leg.br'; 'otto.alencar@senador.leg.br'; 'paulo.baue@senador.leg.br'; 'paulopaim@senador.leg.br'; 'paulo.rocha@senador.leg.br'; 'pedrohaves@senador.leg.br'; 'raimundo.lira@senador.leg.br'; 'randolfe.rodrigues@senador.leg.br'; 'reginasousa@senador.leg.br'; 'reguffe@senador.leg.br'; 'renan.calheiros@senador.leg.br'; 'roberto.muniz@senador.leg.br'; 'roberto.requiao@senador.leg.br'; 'robertorochoa@senador.leg.br'; 'romario@senador.leg.br'; 'romero.juca@senador.leg.br'; 'ronaldo.caiaido@senador.leg.br'; 'rose.freitas@senador.leg.br'; 'sergio.petecao@senador.leg.br'; 'simone.tebet@senador.leg.br'; 'tasso.jereissati@senador.leg.br'; 'telmariomota@senador.leg.br'; 'valdir.raupp@senador.leg.br'; 'vanesa.graziotin@senador.leg.br'; 'vicentinho.alves@senador.leg.br'; 'waldemir.moka@senador.leg.br'; 'wellington.fagundes@senador.leg.br'; 'wilder.morais@senador.leg.br'; 'zeze.pereira@senador.leg.br'; 'Alessandra Fedeski'; 'Aristides Arthur Soffiati Netto (ar-netto@uol.com.br); Carolina Bahia; Cláudia Laitano; David Coimbra; Eduardo Bueno; Francisco Marshall; Juremir Machado; Larissa Roco (larissa.roco@zerohora.com.br); Lela Gisele Krüger; Luis Fernando Verissimo; Lya Luft; Marcia Donini (marcia.donini@zerohora.com.br); Martha Medeiros; Mateus Bandeira; Nilson Souza; Paulo Germano (paulo.germano@zerohora.com.br); Percival Pugina; Rosane de Oliveira

Assunto: VOTO OBRIGATORIO + Eduardo Wolff - A Cruz e a Espada: o voto "moralmente superior"

Querida prima Ellen, e todos os demais,

a democracia, e nela o processo eleitoral, não é como um ringue de UFC, nem como um campo de futebol, em que se quer um vencedor e outro vencido e ponto final. E acho, sim, que posso votar NULO contra duas vertentes “políticas” que me assombram pelo que defendem e pelo que já provocaram e que certamente irão provocar, como é o nosso caso atual (na verdade nem precisaria ir votar pelos meus 79, mas faço questão de participar do registro).

O ideal seria não termos o voto obrigatório, mas como ele existe que, pelo menos, o voto Nulo (diferente do Branco) – para os casos como este – deveria participar da contagem como sendo de **voto de repúdio** a todos candidatos que concorrem ao cargo em questão. Isto permitiria se ter um retrato melhor do que considerar só os votos “válidos” nos percentuais.

E agora, buscando encrenca pelos dois lados extremistas que se digladiam e não conversam, vou me socorrer de um artigo cujo *link* me foi enviado via *whatsapp* por uma querida sobrinha e que traduz com muita propriedade a encrenca envolvida nesta votação que vai decidir o futuro da Nação: [[Eduardo Wolff - A Cruz e a Espada](#): o voto “moralmente superior” em Bolsonaro ou Haddad] transcrito nesta postagem.

cordialmente

Manfredo

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm>[confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

From: Alvaro

Sent: Saturday, October 13, 2018 8:57 AM

To: 'Manfredo Winge'

Subject: RES: VOTO OBRIGATORIO + Eduardo Wolff - A Cruz e a Espada: o voto "moralmente superior"

Manfredo,

Claro, respeito muito sua opinião, mas nesse caso não posso concordar. Com todas as críticas que possamos fazer ao PT a diferença do Haddad e o Bolsonaro em termos de princípios civilizatórios é enorme e inquestionável. Agora não estão mais em discussão os erros do PT, mas sim uma opção entre civilização e barbárie.

Vou com a digna posição anunciada pelo Cristóvão Buarque, nesse segundo turno vou de Haddad. Com espírito democrático e patriótico.

Abraços,

Álvaro

De: Manfred Winge

Enviada em: sábado, 13 de outubro de 2018 20:12

Para: Álvaro Rodrigues dos Santos

Assunto: RÉPLICAS - VOTO OBRIGATORIO + Eduardo Wolff - A Cruz e a Espada: o voto "moralmente superior"

Obrigado Álvaro,

sempre vejo com satisfação a sua participação nestas discussões que tenho com colegas, amigos.. sobre estas mensagens que envio para um monte de gente com informações que julgo relevantes e algumas – hoje muitas – que são provocativas e que visam à boa discussão e debates.

Como democratas respeitamos – por princípio essencial de livre manifestação responsável para a coexistência pacífica - os pontos de vista diferentes dos nossos, mas como geólogos - cientistas naturalmente inquisitivos - tendemos sempre a analisar e questionar novos pontos de vista, incluindo os nossos, para não “mordermos a própria língua”.

A verdade insofismável é que o PT (ao qual fui simpático décadas atrás e até votei no Lula) e seus líderes defendem o tal Foro de São Paulo, um ideário que propõe a tábua rasa do princípio democrático do ponto e contraponto, do diálogo produtivo e objetivo, e da aceitação de outros pontos de vista, persistindo a ter metas de domínio/poder abrangente em várias nações consorciadas e por longo prazo a qualquer custo e, pior, eivadas de um fundo ideológico engessado a um passado que mostrou o fracasso, desatinos e violências físicas e psicológicas de regimes totalitários tipo comunista/bolivariano que exigem uma organização orwelliana rígida e inquestionável (onde a “mais valia” do assaque irriga a cúpula tirana e seus asseclas puxa-sacos). E aí está agora o trágico exemplo venezuelano de tal regime e do qual conseguimos escapar ao ser denegada pela sociedade (e congresso a reboque) a regulação dos meios de comunicação que PT & associados quiseram impor logo nos primórdios do 1º governo Lula. Veja bem que continua essa proposta de regulação das comunicações (= mordada da imprensa livre) no projeto de governo que Haddad – ouvindo o Lula – montou como uma das linhas de governo. Isto conseguido é um passo só para termos logo a propaganda oficial goebelliana de governo. E sabemos como isto começa e certamente como termina também ao ser escorraçada a democracia.

Tchê, todos nós de bom senso queremos democracia com liberdade, fraternidade e igualdade e muita igualdade de oportunidades aos mais desvalidos que precisam de tutela e de plano educacional que os inclua desde os primeiros vagidos para não ocorrer nunca mais a extrema miséria que nos envergonha, desestabiliza a ordem social e serve muito à formação de mão de obra para facções cada vez mais organizadas de narcotraficantes e de milicianos. Mas as soluções não vêm de graça por conta de projetos mirabolantes de impacto sob o comando de “líderes salvadores da pátria”: - temos todos, indivíduos e empresas, que participar no que pudermos desde que contemos com um governo com distribuição regrada do hoje exacerbado poder central, ou seja, com, entre outras coisas, melhor distribuição dos recursos que, uma vez captados, sigam logo direto para os centros de custo operacionais como deveria estar previsto nos orçamentos anuais para execução municipal, estadual ou federal atendendo a programação nacional, sem ter que estes recursos viajarem para “dormir” em Brasília, ou seja, temos que acabar com o pede-pede do “pires na mão” que atravanca o poder executivo e cria “facilidades” para negociações escusas sob pressão dos recursos retidos.

Sobre os aspectos do outro candidato nem dá para falar, pois sem nenhuma divulgada experiência administrativa, posições extremadas com princípios de defesa da violência,... nada apresentou como plano detalhado e, por sinal, já se viu até que houve entrevero entre ele e seus auxiliares previstos. A resenha que Eduardo Wolff apresenta ([incluída neste post](#)) é elucidativa da incapacidade dessa pessoa dirigir a Nação sem provocar tensões que podem levar a ruptura democrática.

O voto nulo – de repúdio – para estas situações hoje não é solução; mas quem sabe no futuro?

Abraço

Manfredo

Caro Manfredo,

Democrática e respeitosamente discordo de suas conclusões. E também de suas assertivas, quase folclóricas, sobre o PT (Foro de São Paulo, venezualização, etc). De forma alguma pessoas como o Lula, Dilma, Celso Amorim, Haddad, etc., podem ser acusados de comungar planos tão esdrúxulos para o Brasil. Com todas as graves críticas que tenho ao PT (que é uma salada de correntes internas) entendo que seus governos praticaram a primeira experiência real de execução de um programa social-democrata no Brasil. Qual seja o propósito de fazer a gestão do sistema capitalista sob o objetivo de criar um estado democrático de bem estar social para todos. Uma pena que escorregões enormes foram dados nesse percurso e acabaram por comprometê-lo. Mas a tentativa da experiência é clara e teve alguns bons frutos. Ademais, de forma alguma pode-se acusar associar o PT de deslizos contra a Democracia. Pelo contrário, no que diz respeito a esse quesito o PT sempre significou uma segurança, não um risco. Apesar de personalidades como os Dirceus da vida.

Não me iludo com a neutralidade, em certos momentos, como o atual, ela representa pragmaticamente uma opção pelo provável vencedor. E aí estaríamos ajudando a abrir as portas do Inferno para o que de pior a sociedade brasileira já produziu. Repito, nesse momento não está em discussão PT ou não PT, mas sim princípios civilizatórios versus visões fascistóides das relações humanas.

Reproduzo abaixo um texto que representa fielmente o que penso, é de um ex-reitor da UFPA.

Forte abraço,

Álvaro

Texto do Prof. Cristovam Diniz, pesquisador e ex-Reitor da UFPA.

“Às pessoas que eu amo que optaram pelo capitão.

Tem um poema maravilhoso de Baudelaire chamado "Os Olhos dos Pobres". Nele o poeta descreve um dia passado com uma mulher maravilhosa, com um nível de afinidade e cumplicidade tal que fazia com que ele, cético, chegasse a acreditar na possibilidade de ter encontrado sua alma gêmea. Chega a noite, e a moça sugere que eles se sentem em um café num dos recém inaugurados bulevares de Paris (O poema data da época do Plano Haussmann, reforma que deu a Paris a forma que tem hoje). O local resplandecia em seu charme sofisticado e semi-acabado. O poeta descreve o entulho ainda na rua, o cheiro de tinta fresca, os frequentadores chiques com sua criadagem, a exuberância gastronômica. Eis que chega um homem com duas crianças, uma ainda de colo. Sujos e maltrapilhos, olhando contemplativamente para o maravilhoso café. E Baudelaire lê, pelos olhares, a visão de cada um deles em suas idades. Ele se sente enternecido pelos olhares, e ao mesmo tempo um pouco envergonhado da fartura de sua mesa, e busca os belos olhos de sua amada, e acredita ler neles o mesmo sentimento que o inundava. Ela então diz "Essa gente é insuportável, com seus olhos abertos como portas de cocheira! Não poderia pedir ao maître para os tirar daqui?". E, como um frágil cristal, a imagem que ele tinha dela se estilhaça, e o possível amor se torna desprezo.

Peço perdão a Baudelaire por resumir nas minhas palavras o que ele próprio descreve tão melhor em sua obra. Mas eu acho o sentimento expresso ali muito adequado ao momento atual, e não sei quantos de vocês terão a paciência de buscar o original (o que recomendo!). Muitas coisas podem ser tiradas da cena descrita no poema. A injustiça da

desigualdade, o reconhecimento de uma posição de privilégio, a importância da empatia. Mas pra mim a maior lição ali contida é:

Existem defeitos que são imperdoáveis.

Em várias ocasiões em que fui conversar com alguma pessoa próxima que vota nesse cara, as pessoas tentam levar a discussão para o lado de corrupção, ou de economia, ou da importância de tirar o PT, ou sei lá. O problema é que pra mim a opção passa por um lugar muito mais profundo, de humanidade, e moral básica. É simples: eu não voto em quem idolatra torturador. Eu não voto em quem fala que o erro da ditadura foi ter matado pouco. Eu não voto em quem diz que preferia ver o filho morto do que sendo gay. Eu não voto em quem diz abertamente que é contra a democracia. E mais uma lista de aberrações que esse cara disse, que são tantas que não dá nem pra listar.

Perto disso tudo, discussões sobre estado mínimo, direita e esquerda, reforma da previdência, educação, segurança, ou outras pautas, que tanto precisamos discutir como país, ficam insignificantes. É como se na eleição do condomínio um dos candidatos a síndico te desse um soco na cara, um chute no saco, matasse seu cachorro, e depois viesse querer discutir de que cor tem que pintar o portão, e pedir seu voto. Não dá.

O que ele fez foi roubar de nós a oportunidade de discutir que rumo queremos para o país. Não dá pra debater propostas, com um projeto como esse perigando ganhar. Então não se trata de um discussão meramente política, é uma questão de valores humanistas. Mesmo se eu achasse as propostas desse Jair sensacionais, eu ainda assim votaria contra ele. "Mas e o PT?" Foda-se! Qualquer um! Se fosse qualquer um dos candidatos, de todas as eleições desde 89, contra ele eu votaria. E olha que essa lista tem Maluf, Collor, etc.

Olha, eu também não gosto dessa polarização, externei minha opinião no primeiro turno, votei em outro candidato, acho que esse segundo turno prolongou por 4 anos essa inhaca que estamos passando. Tenho muitas críticas pesadas ao pt, quem me conhece sabe. Mas não há dúvida sobre qual o voto errado aqui. O mundo está vendo, todos os jornais importantes, de direita e esquerda, de todos os países, estão alertando. Até Madonna e Roger Waters sabem. Tem focinho de fascismo, rabo de fascismo, orelha de fascismo. O que é?

Tenho pessoas amigas que já estão sentindo na pele os efeitos dessa escalada na intolerância, e olha que ele nem ganhou ainda. Então o que eu estou fazendo é um apelo. Pensem bem, vejam de novo os vídeos com as falas abomináveis desse candidato. Não o que ele diz hoje, atenuado pelos marqueteiros, mas o que ele faz e diz há décadas. Por favor repensem, não entreguem o país para esse monstro sob o argumento de "pelo menos tiramos o PT". Como Baudelaire tão bem nos mostra, alguns defeitos são sim imperdoáveis."

De: Ellen Bisconti
Enviada em: sábado, 13 de outubro de 2018 08:20
Para: Manfred Wingé
Assunto: Re: VOTO OBRIGATÓRIO + Eduardo Wolff - A Cruz e a Espada: o voto "moralmente superior"

[Eduardo Wolff](#) utilizou de Marcel Proust , "Em Busca do Tempo Perdido", uma cena do "Caminho de Swann". Mergulhando uma madeleine (bolinho de chuva muito chique), lembrou os seus tempos em Combray quando lá passava férias com seus avós. Tempo que para ele foi muito prazeroso. Wolff "mergulhou" a madeleine e lembrou de mais de um século atrás, de fatos que atualmente não têm nada a ver com o presente. Tortura, assassinatos. Lembra do presente! Recordações colocadas no momento errado.

Quando mencionou Chopin, esqueceu que várias obras desse grande compositor foram inspiradas pelo temor de sua Polônia novamente ser atacada e dominada. Um exemplo é o

Estudo Revolucionário, altamente impetuoso, "con fuoco". Nada a ver com paz e amor. Apenas lembrou na hora errada. Um compositor romântico com matizes, digamos, subversivos. Não serve para sua dissertação. Coloca defeitos em ambos os candidatos, mas centralizou-se mais no Bolsonaro. Ele deve ser um grande admirador da Venezuela. Fuga em massa devida, especialmente, à fome. Talvez merecesse a atenção de Chopin, e outro Estudo relativo a esse episódio....

Sabemos que não construímos nada juntando pedras e atirando nos outros, em vez de com elas construir algo novo. Um pensamento batido, mas que serve para meu propósito.

Essa dissertação de Eduardo Wolff focando em episódios antigos e, às vezes não muito confiáveis, não deveriam ser lembrados durante um concerto de Villa-Lobos, e sim ouvindo uma música eletrônica bate-estacas.

Talvez ele tenha grandes ideias para salvar o país.

Trata-se do seu inconformismo. Seria eleitor do Alckmin e tantos outros, que em poucos dias viram seus votos se desintegrarem. Talvez reforçando os do Capitão.

Espero que vá a outro concerto e preste atenção na melodia, na orquestra. Vale mais a pena. Não se desmancha no ar.

From: Arno Bertoldo
Sent: Saturday, October 13, 2018 10:18 AM
To: Manfredo Winge
Subject: RE: VOTO OBRIGATÓRIO + Eduardo Wolff - A Cruz e a Espada: o voto "moralmente superior"

Caro Manfredo,

Eu e alguns amigos também adotaremos a posição do voto nulo. Um artigo do Gabeira deu força a essa tomada de decisão. Caso não tenhas lido este artigo incluo-o abaixo. Repassei o seu email de hoje para vários amigos (as). Muito bom o artigo do Eduardo Wolff.
Abs. Arno Bertoldo

Primeiros dias do novo mundo Fernando Gabeira

© O Globo, 01/10/2018

Período que vem por aí é muito difícil. Você não inveja os vencedores, a economia patina, o Congresso não se renova

Outro dia, uma simpática leitora me escreveu, dizendo que eu estava em cima do muro. Não é exatamente isso o que acontece. Estou na mesma posição que estarei depois das eleições: independência crítica.

Não gosto de muros, tanto que, quando caiu o de Berlim, mudei-me para lá com a família, para acompanhar as consequências. Nem todo muro dá para aceitar. Nas eleições municipais do Rio, recusei a alternativa que a maioria dos eleitores me apresentou.

Recusá-la agora não significa desrespeito às grandes multidões que escolhem Lula ou Bolsonaro. Pelo contrário, uma oposição consciente pode ser uma forma de valorizar essa escolha.

A amiga pede que eu rejeite apenas Bolsonaro. É ameaçador para a democracia. Ela leu nos jornais que o PT, ao contrário, tem um forte compromisso com a democracia.

Respeito sua posição e a dos jornalistas. No entanto, era deputado federal no período do mensalão. Discutir com fantoches comprados pelo governo era para mim um arremedo de democracia.

Creio que passa por aí nossa divergência. No meu entender, a ameaça à democracia não se resume hoje ao clássico golpe militar, com tanques na rua. Ela pode ser subvertida por dentro, envenenada aos poucos.

Talvez a amiga precise de um pouco de paciência não só comigo, que não aceito esse muro, como também com as pessoas que realmente estão ainda em cima dele, por indecisão. Se ajudar, recomendo o livro de John Gray — “A alma da marionete, um breve ensaio sobre a liberdade humana” — que acaba de ser lançado aqui. Entre outras coisas, ele diz: “não é a autoconsciência, mas a divisão de si mesmo que nos torna humanos.”

Isso não quer dizer que não fazemos escolhas. Caso contrário, não estaríamos onde estamos hoje. Lembro que há pouco mais de 20 anos brincava sobre o tema, com Luís Eduardo Magalhães. Ele, presidente da Câmara; eu, o único deputado do PV. Ele dizia, para me ironizar: como vota sua bancada? Eu dizia: a bancada tem apenas uma pessoa, por sinal bastante dividida.

Compreendo que a pressão é natural. Muitos artistas já estão mergulhados no dilema de declarar voto.

Infelizmente, não sou artista, mas apenas alguém com uma experiência política de pouco mais de meio século. Minha análise me conduz à oposição, não importa o que sair desse duelo entre Lula e Bolsonaro.

Só que, nas circunstâncias nacionais, terá de ser uma oposição construtiva e cuidadosa, exatamente porque me preocupo com a democracia.

Há algum tempo que procuro conhecer os programas de governo do PT e de Bolsonaro. São vagos o bastante para não rejeitá-los em bloco, mas contêm várias armadilhas.

Na verdade, não há ainda programa real de governo. Há intenções, acenos contraditórios. A necessidade de seduzir o centro ainda pode trazer novidades.

O choque de personalidades ofuscou o confronto entre programas. Não só os que estão no muro como os que recusam o dilema eleitoral representam um estímulo para que os candidatos sejam mais explícitos em suas propostas, moderados em sua retórica. Mesmo com um conhecimento precário dos verdadeiros programas, esquerda e direita terão muitas dificuldades para implementá-los. Como impor uma agenda liberal a um país dividido, como impor uma agenda como a dos anos petistas?

Não, se conseguirmos deter a intolerância entre os contrários. Mas outra busca é possível: deter a intolerância contra quem simplesmente não toma o partido de um dos lados.

Ao invés, é essencial evitar a potencial tragédia no choque entre eles.

O período que vem por aí é muito difícil, desses em que você não inveja os vencedores. A economia patina, o Congresso não se renova, e as eleições sempre trazem grandes expectativas.

Não esperava encarar isso nos primeiros anos de democratização. Mas é preciso olhar de frente. Para mim, o Galeão não é saída porque leio o outro nome dele, Antonio Carlos Jobim, e me lembro da beleza e do talento que o país abriga.

Será apenas uma longa fase de sufoco.

De: Manfredo Winge
Enviada em: sábado, 13 de outubro de 2018 20:48
Para: 'Arno Bertoldo'
Assunto: ENC: RÉPLICAS - VOTO OBRIGATÓRIO + Eduardo Wolff - A Cruz e a Espada: o voto "moralmente superior"

Prezado Arno,
muito boa a contribuição do Gabeira.
Valeu o reenvio.
Veja um pouco da polêmica já suscitada.
Abraço
Manfredo

Voltar para: [SITE](#) ou [Para Reforma Política](#)



[ENVIE SEUS COMENTÁRIOS](#)

Caro internauta. A sua participação com comentários, sugestões, **críticas**,... é sempre bem vinda e poderá ser postada, **caso o texto**, coerente com o assunto abordado, tenha redação adequada a um *forum* de debates pautado no bom senso - clique na caixa de correio e envie, indicando o assunto como título do texto e torne-se um confrade da CONFRARIA DEMOCRÁTICA DO BOM SENSO - CLIQUE [Para informar ou cancelar seu endereço de e-mail](#)

Para localizar qualquer assunto ou nome pressione 'Ctrl' e 'F' simultaneamente e digite parte da palavra procurada no quadro que se abre